SUPPLEMENTO BURLESCO

AO N.º 2605 DO

PATRIOTA

Sua ex.ª Antonio de *tomar*, chegando ao seu conhecimento que pelo ministerio das obras publicas se mandaram crear escólas de agricultura, S. E. declara que se tem dado com a maior assiduidade a este estudo, e em breve espera dar um curso em que mostrará que uma couve lombarda não e repolho, assim como o melão em nada se parece com o pepino, e com esta innocente distracção, S. ex.ª vai passando sem novidade em sua importante e desejada saude.

Os sobrinhos do tio

Aparecem finalmente duas criaturinhas, innocentes sobrinhos e discipulos de um tio, o tio mais historico, mais espantalho, e mais exquisito que tem aparecido, desde que no mundo se começou a desenvolver essa trapalhada, que se chama graus de parentesco!

Ahi estão dois sobrinhos impremiaveis, impenetraveis, imcombustiveis, imcommunicaveis, ou não sei que, porque se diz tanta cousa, mas com certeza nada se sabe! Sejam o que forem, o certo é que de raça apurada, ainda que differente, são cunha do mesmo pau, ramo da mesma arvore, aza do mesmo cesto, e caldo da mesma panella. Os innocentes em questão são tão innocentes, que só cahidos da lua é que por acaso podem estar entre nós, e naturalmente foi a chuva de pedra de Segunda feira que nos deu o prazer de trazer para entre nós estes dois sarafins.

Seja como fôr, n'este negocio ha uma grande meada, cujo costal está na mão do tio. A meada hade naturalmente estar em estado de se dobar mui facilmente, mas apresenta-se com aspecto de atrapalhação tão emtramelada, que parece difficil achar a ponta, para poder ser dobada!

A questão é simples e reduz-se a nove perguntas:

1.ª pergunta. — A cousa estava feita?

2.ª pergunta. Quem a fez?

3.ª pergunta Quem a descobriu?

4.ª pergunta. Descubriu-se antes de estar descuberta?

5.ª pergunta. Ha um passaporte em branco?

6.ª pergunta. — Quem o passou?

7.ª pergunta. — Para que são precisos contos de réis?

8.ª pergunta. — Para quem eram?

9.ª pergunta. — Quem escreveu aquelle papel?

A redacção do BURLESCO dá um numero do seu jornal por cada resposta ás nove perguntas; e em quanto não apparecer ninguem a da-las, estamos resolvidos a sustentar no Marrare e no Chiado, que tudo isto é um chinfrin da força de 800 cavallos, e uma collecção de pequenas miserias, que por engano faltaram ao homem das fatalidades.

No entanto ahi vai hoje uma caricatura, que se não podia vender por 30 rs., por que deu muito trabalho a compor, pela difficuldade das physionomias; porém quando estavamos mergulhados neste grande aperto, veiu mr. Lavater, que nos esclareceu, e mr. de la Fontaine, que nos deu o letreiro, e a caricatura fez-se.

São desnecessarios os commentarios. Vejam os retratos que estão muitissimo parecidos, e o que elles mostram é o que realmente são; além de que, são afilhados de *tomar*, sobrinhos do tio, e tudo o mais que no mundo se póde ser.....

Antonio José d'Avillá, aquelle celebre bandarra, com fabrica de cadastros e vellas de cebo refinado na cidade de Lisboa, socio effectivo da companhia d'Algodres e contra mestre da fabrica de porcellana da calçada da Estrella, justificou que esperava pelo resultado das suas medidas, pagar doze mezes no anno!! Pagava, mas não pagou, porque não pagou: e se pagasse o que não pagou, pagava, mas não pagou.

Aqui é que se não admittem duvidas, é uma advinhação que o Muniz não advinhou e que por tanto ninguem mais pode advinhar.

Pagar doze mezes em cada anno, depois de adoptar medidas que em tres annos não teve tempo de adoptar, e depois desses mesmos tres annos mandarem se mudar, deixando quatorze mezes ás escuras e

Os pobres empregados
Com calor ou muito frio
Andarem sempre em corropio
Com as cuecas na mão.

Do Thesouro pr'o agiota
De recibos ajoujados
Muitas vezes seringados
De fome na repartição.

E no fim de tanta lide
Que apanha o triste ratão?

Só quando annuncia
O mesmo senhor
Pagar quinze dias
Por muito favor
Alguma mexicana
Os agiotas lhe dão!!

Porém sempre na frescata
O empregado deve andar
Com as tripas a dar horas
Viva o Conde de *tomar*.

Parece isto obra d'aria de Paixão: porém o Paixão com os seus autos, a sua casaca modelo, bebendo os seus martelinhos, foi muito mais feliz que os subditos do grande economista dos doze mezes em cada anno.

Do *Jornal do Povo*:

Um livro inglez de profecias faz os seguintes curiosos calculos:

1794 — queda de Robespierre.
1
7
9
4

1815 — queda de Buonaparte.
1
8
1
5

1830 — queda de Carlos X,
1
8
3
0

1842 — morte do duque d'Orleans
1
8
4
2

1857?.... (X)

Qual será a queda que nesse anno terá logar? — E' uma incognita que só o tempo poderá descobrir.

A não interromper se a nova especie de periodicidade que os inglezes descobriram para os acontecimentos de França, alguma

cousa notavel tem de succeder no anno de 1857, e já sabem os francezes em que epocha se hão de verificar os grandes acontecimentos do seu paiz até á consumação dos seculos. E' tomar a ultima data, collocar-lhe por baixo os algarismos perpendiculares, sommar e repetir a operação até o infinito.

Os Redactores do Burlesco sabem quantas quedas devem ter lugar d'hoje até 1857, mas não estão agora para tratar dessa materia, tem mais que fazer, andam tratando dos caminhos de ferro, do deficit, e de conhecer os carpinteiros e ferreiros da machina infernal. Quando estiverem com mais vagar, e livres destes afazeres, dirão então os nomes dos que hão de dar as taes cambalhotas.

Officina de Manoel de Jesus Coelho— Rua do Poço dos Negros N.º 54